

# Educação que pensa o coletivo e um coletivo que pensa arte/educação

Rejane Galvão Coutinho  
Sidiney Peterson Ferreira e Lima

**Como citar:** Como citar: COUTINHO, Rejane Galvão; LIMA, Sidiney Peterson Ferreira. Educação que pensa o coletivo e um coletivo que pena arte/educação. *In:* MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima; BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (org.). **Pibid e Residência Pedagógica/UNESP:** forma(a)ção de professores em ciências humanas em tempos de pandemia. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p.169-182. DOI: <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-463-5.p169-182>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# EDUCAÇÃO QUE PENSA O COLETIVO E UM COLETIVO QUE PENSA ARTE/EDUCAÇÃO

*Rejane Galvão COUTINHO*<sup>1</sup>

*Sidiney Peterson Ferreira de LIMA*<sup>2</sup>

**RESUMO:** O texto traz um relato reflexivo sobre o processo de formação inicial e continuada vivenciado pelo núcleo de Arte do Programa Residência Pedagógica 2020-2022, Instituto de Artes da Unesp, durante a pandemia da Covid-19. As reflexões tiveram como fio condutor a perspectiva do espaço comum de aprendizagem como estratégia de significação e potência em processos de formação democráticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** formação democrática; Residência Pedagógica; Arte/Educação.

*Os comuns tradicionais são ilhas em um oceano.  
(...) As ilhas vão se interconectando e aspiram a se  
conformar em um arquipélago.  
La gente de comunaria, 2017*

Criar um espaço “comum” de aprendizagem é uma ação complexa que exige reflexões constantes, pois ao mesmo tempo em que se constrói algo coletivamente, espera-se responsabilidade com relação ao que foi

---

<sup>1</sup> Departamento de Artes/Instituto de Artes/Universidade Estadual Paulista (Unesp)/São Paulo/SP/Brasil/  
rejane.coutinho@unesp.br.

<sup>2</sup> Docente colaborador do Mestrado Profissional em Artes, PROF-ARTES/Instituto de Artes/  
Universidade Estadual Paulista (Unesp)/São Paulo/SP/Brasil/sidiney.peterson@unesp.br.

construído, por parte do grupo. Nesse sentido, como uma via de mão dupla, as trocas de saberes movimentam as ações e os sujeitos implicados na experiência do “comum”. As reflexões que formam o presente texto são ao mesmo tempo um registro e um exercício de ponderação sobre experiências formativas no campo da Arte/Educação. É uma narrativa tecida a quatro mãos que procura recuperar as experiências comuns de um grupo de vinte e quatro pessoas/professoras(es) em processo de formação, tanto inicial como continuada.

As experiências que tomaremos como norteadoras das nossas reflexões iniciaram-se durante o ano de 2020, em plena pandemia sanitária da Covid-19, que levou muitos países de diferentes continentes a tomar medidas de proteção, entre elas, o isolamento social. Com a pandemia, a educação, assim como outros setores, foi impactada fortemente. As aulas passaram a ser realizadas de modo online e foi nesse contexto que iniciamos o projeto Residência Pedagógica (RP), edição 2020-2022, que contou com participação de vinte estudantes das licenciaturas em Artes Visuais, Música e Arte Teatro do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp), sendo que, desses(as), 16 eram bolsistas e quatro participaram como voluntárias(os). O projeto contou, ainda, com a participação de duas professoras de Arte de escolas públicas da rede municipal de São Paulo, que também receberam bolsas durante a realização do projeto, além da nossa participação como equipe de coordenação desta edição do Núcleo de Arte do Residência Pedagógica.

Ao longo do projeto, os encontros entre estudantes, professoras e coordenação ocorreram de modo online. Nas reuniões semanais, com duração de quatro horas, buscamos, na medida do possível, de modo coletivo, horizontal e democrático, organizar as ações de cada um dos três módulos que formaram o projeto, considerando que as atividades propostas pudessem ser realizadas no contexto de encontros online.

Arte/Educação, ou seja, os modos como ensinamos e aprendemos artes em suas diferentes modalidades, foi o ponto de partida para pensarmos as atividades de formação durante o projeto. Além das complexidades que envolvem as ações de pensar, planejar e realizar aulas de artes, cabe aqui apontar que as atividades precisavam se adequar ao contexto pandêmico

– ou seja, de isolamento – não somente do grupo participante, mas de estudantes e professoras(es) das escolas públicas envolvidas. Como ensinar artes à distância? Que leituras necessitamos neste momento pandêmico? Que movimentos são possíveis? Quais saberes mobilizar em um contexto de pandemia? As perguntas nos mobilizaram (e ainda mobilizam) a pensar o ensino de artes no contexto da sala de aula, mas também nos serviu para, de modo coletivo, pensar a própria experiência do projeto Residência Pedagógica, ela também uma experiência de formação.

### **#PODEMOS LER PAULO FREIRE?**

Iniciamos o projeto com a leitura, sugerida por um dos residentes, da obra “Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos”, de Paulo Freire. “O futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo” (Freire, 2019, p. 65), escreveu o educador pernambucano na segunda carta do referido livro. É no presente que pensamos, revolvendo e evocando experiências, personagens e ações do passado. Revisitadas, essas experiências possibilitam o pensar e elaborar ações fundamentadas teoricamente, assim como nos possibilita repensar nossas formações e articular os modos de ser arte/educadoras(es).

As leituras realizadas, conforme escreve Jorge Larrosa, “reabrem” questões historicamente consideradas como “verdades absolutas” tais como os modelos formativos, em educação e em Arte/Educação. Do ponto de vista do texto, escolhido por um estudante do RP, “o momento de que uma geração faz parte, porque histórico, revela marcas antigas” (Freire, 2019, p. 62) que, nos debates mobilizados pelas leituras entre as(os) participantes, são (re)postas e (re)ativadas, na medida em que atravessam nossos corpos e sentimos a necessidade de conversar sobre cada uma delas em um movimento de expor o que pensamos, mas também de escutar como nossas companheiras e companheiros de formação compreendem as ideias expostas.

Além daquilo que o texto diz, do que dissemos sobre ele, o exercício se revela não apenas como importante instrumento na e para a formação

no projeto Residência Pedagógica, mas também em outros contextos de formação, quando pensado como estratégia de ponderação sobre o que ele nos leva a pensar? O importante, afirma Larrosa, “não é que nós saibamos do texto o que nós pensamos do texto, mas o que – com o texto, ou contra o texto ou a partir do texto – nós sejamos capazes de pensar” (Larrosa, 2010, p. 142).

Parece óbvio dizer da importância da leitura em contextos de formação docente, mas muitas vezes o que parece óbvio precisa ser colocado, justamente para ser repensado diante de problemáticas que antes não se apresentavam. Vivemos a experiência em um contexto de pandemia nunca antes vivido; portanto, as leituras são feitas de outros modos, pensamos de outras formas também, nossos corpos se comportam e pedem outros movimentos e, talvez também por isso, não seja tão óbvio o exercício de seu registro aqui.

A partilha das cartas de Freire abriu um espaço de apresentação e de (re)conhecimento de cada uma das pessoas que compunham o grupo. Foi um ato de afirmação do valor da educação e daquilo que estávamos inaugurando juntas(os).

## **#ACESSOS COMUNS**

Os desejos e as inquietações geradas pelo novo espaço que estávamos construindo contagiaram o grupo a querer estreitar relações com o programa vizinho, o Pibid Arte, que se reunia em horário contíguo ao nosso. Esse movimento se deixou permear pelas notícias de desmonte das políticas públicas de acessibilidade, gerando uma mobilização em busca de entender os contextos nos quais os acessos à educação podem e precisam acontecer. Em conjunto, fizemos um levantamento de temas, questões e pessoas a serem convidadas a compartilhar conosco suas experiências no campo da acessibilidade na educação, realizando uma série de quatro encontros compartilhados com os “pibiders”.

Começamos a conversa sobre a comunicação não capacitista entendendo antes a ideia de capacitismo (tão próxima do racismo), com

duas arte/educadoras que traziam no corpo suas experiências educacionais. Brotaram muitas referências de produções artísticas que abordam os conflitos e que podem servir de material de apoio em aulas de artes. Seguimos conhecendo o projeto da secretaria municipal de São Paulo que mantém em funcionamento em cada escola Salas de Recursos Multifuncionais de apoio para atividades direcionadas às crianças com deficiências ou superdotação, através do relato de um professor convidado, responsável por uma dessas salas na escola parceira. Entramos em contato com uma arte/educadora tetraplégica e afásica que após sofrer um acidente vascular cerebral continuou atuando como educadora e se mantém produzindo como artista. Foram muitas vozes, gestos e, sobretudo, muita atenção às diferentes formas de comunicação e às diferenças no reconhecimento de si diante de pessoas que vivem realidades difíceis. Todas as pessoas têm deficiências, todas são capazes de aprender. Como Rancière (2010), acreditamos na igualdade das inteligências em direção a possibilidades de emancipação pela educação – a nossa emancipação enquanto educadoras(es) sobretudo. Seguimos pensando em bases comuns, como um recurso de resistência para um futuro incerto.

## **#SEQUÊNCIAS PEDAGÓGICAS PARA PENSAR AÇÕES PARA UM FUTURO DESCONHECIDO**

Na impossibilidade de estar e de experimentar o “chão da escola”, o passo seguinte foi a construção de sequências pedagógicas, ou seja, a escolha de conteúdos e atividades, assim como as metodologias e os fundamentos para cada aula de artes, como um exercício que nos exige pensar para quem estamos propondo as aulas, pensar os contextos em que essas aulas serão realizadas, pois, como afirma Elizabeth Ellsworth, na elaboração de uma sequência pedagógica é relevante pensar que adotamos posições em nossas escolhas (Ellsworth, 2005).

Sugerimos que, em duplas, pudessem criar sequências pedagógicas pensadas para serem realizadas de modo online com estudantes das duas escolas públicas, participantes do projeto. Cada dupla deveria, a partir de

conversas com a professora, escolher uma turma e direcionar a sequência para esse grupo de estudantes. Cada dupla, na medida do possível, foi formada por um(a) estudante de uma licenciatura, com isso buscamos colocar em diálogo distintos saberes de artes visuais, música e artes cênicas na construção da sequência didática, exercitando um pensamento interdisciplinar.

Foi consenso que seria importante experimentar as propostas em nossas reuniões, testando e avaliando sua pertinência e alcance para serem conduzidas de forma remota, com momentos síncronos e desdobramentos assíncronos através dos quais nos divertimos e descobrimos que a tela não é o limite para uma aula de artes online. Antes dessas sequências de experimentações, nossa comunicação pelas plataformas estava centrada em pequenas janelas que se abriam ou se fechavam como casulos, que deixavam ver apenas os rostos e entrever fundos, muitas vezes falsos ou precários. Experimentamos outras posições, levantamos da cadeira, fomos provocadas(os) a mexer os corpos, realizamos atividades de comunicação por mímicas, realizamos jogos com regras, ouvimos histórias, desenhamos monstros, criamos imagens, dobramos papéis ouvindo músicas, identificando paisagens sonoras em nosso entorno. Refletimos sobre o porquê e o para quê de cada sequência didática, sobre o para quem e como poderiam ser melhor adequadas, melhoradas. Montamos um banco de propostas para serem compartilhadas na medida das necessidades. Ficam como rescaldo dessas experimentações as possibilidades de experimentar, no coletivo, ideias gestadas também de forma coletiva.

### **#UM GALO SOZINHO NÃO TECE UMA MANHÃ<sup>3</sup>**

O convite para uma conversa com Marina Klautau Felipe e Inessa Silva de Oliveira foi recebido com entusiasmo por todas(os) as(os) residentes, que queriam conhecer através das próprias autoras o contexto do trabalho que foi tecido em paralelo à edição anterior do Programa Residência Pedagógica (2018/2019). As duas autoras ficaram felizes por

---

<sup>3</sup> Título do trabalho de conclusão de curso de Inessa Silva de Oliveira (Licenciatura em Arte-Teatro) e Marina Klautau Felipe (Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais), Instituto de Artes, 2019.

poderem compartilhar, justamente no contexto da Residência Pedagógica, a tessitura que foram capazes de articular entre as experiências de estágio, um projeto da Comissão de Direitos Humanos do Instituto de Artes e os desejos de produzir um material reflexivo que pudesse chegar ao pé do ouvido e ao coração de educadoras(es). (Oliveira; Felipe, 2019).

Todo o projeto que resulta nesse potente material<sup>4</sup> vem denunciar algumas significativas lacunas nos processos de formação inicial dos licenciandos do Instituto de Artes: a começar, pela necessária existência de uma “comissão” para tratar dos direitos humanos numa universidade feita por pessoas e para pessoas; a seguir, pela ausência de representatividade de pessoas negras, indígenas, transsexuais e transgêneras numa faculdade de artes onde a supremacia da branquitude não é desvelada; pelo escamoteamento das relações hierárquicas de poder e saber do sistema acadêmico hegemonicamente eurocêntrico. Essas lacunas são estrategicamente reproduzidas desde a Educação Básica e foram observadas pelas pesquisadoras, nos estágios.

Ao abrir espaço em nossa agenda de conversas no grupo para todas essas questões, estávamos nos colocando em situação de guerrilha. A presença de Marina e Inessa reforçou a necessidade de enfrentarmos esses temas a partir da leitura dos textos do material. Novamente em duplas ou em trios, o grupo se dividiu para mobilizar, agora, uma sequência de leituras do material em questão. Como pensar em estratégias para nos deixar atravessar com as leituras dos textos? Novamente, levantamos as pélvis das cadeiras e exercitamos outras formas de aprender com o corpo em estado de tensão/atenção. As conversas foram instigadas por perguntas, por livres associações de palavras, por jogos. Por que você escolheu fazer licenciatura? No lugar de aluno, o que é um bom professor? Quem é o aluno ideal? Qual o seu maior desejo como educador?

---

<sup>4</sup> O referido material encontra-se disponível, na íntegra, em: [https://www.academia.edu/43236805/Por\\_uma\\_Educa%C3%A7%C3%A3o\\_em\\_Direitos\\_Humanos\\_Um\\_galo\\_sozinho\\_o\\_n%C3%A3o\\_tece\\_uma\\_manh%C3%A3\\_por\\_Inessa\\_Silva\\_Oliveira\\_e\\_Marina\\_Klautau\\_Felipe](https://www.academia.edu/43236805/Por_uma_Educa%C3%A7%C3%A3o_em_Direitos_Humanos_Um_galo_sozinho_o_n%C3%A3o_tece_uma_manh%C3%A3_por_Inessa_Silva_Oliveira_e_Marina_Klautau_Felipe).



## # AUTONOMIA NÃO SE GANHA DE PRESENTE, SE CONQUISTA

O prolongamento da situação de isolamento social junto à impossibilidade de ter acesso às escolas para confrontar o que estávamos conversando sobre educação e Arte/Educação gerou no grupo uma inquietação que foi expressa e verbalizada como um gesto de insubmissão: queremos decidir as pautas de nossas reuniões! Ficou claro para nós, aqui autora e autor deste/as relato/memórias de formação, que o compromisso com a condução dos processos estava sempre em nossas mãos – por mais que buscássemos distender as relações para planos mais horizontais, a verticalidade da responsabilidade estava sempre presente.

Delegamos a pauta, fizemos reuniões sem a nossa presença. Ouvíamos de longe os burburinhos. Apresentaram um esboço, construído pelo próprio grupo de residentes. Entre as propostas: encontro com o professor Carlos Eduardo Fernandes Júnior (Cadu), que desenvolve pesquisa sobre escolas com projetos democráticos; Arte Correio e Amigo Secreto; Festa Julina, com jogos pedagógicos/oficinas para nos conhecermos melhor e expandirmos o repertório cultural; construção coletiva de texto e/ou ensaio visual para publicação; troca de referências para conhecer as pesquisas de cada um(a) dos(as) residentes; Sarau Brincante, aberto ao público.

Todas as atividades propostas foram realizadas. Ao nosso ver, trata-se de um momento importante do processo de formação de todas as pessoas envolvidas no projeto, pois realça vivências de autogestão coletiva. Trata-se, conforme escreveu o residente Gabriel Silas Filareto, em seu relato de experiência<sup>5</sup>, de construir espaços e “possibilidades de fazer presença à distância” a partir de cada ação proposta.

Na tentativa de “aproximações via correspondências”, afirma Gabriel Filareto, a proposta de “Arte correio”, assumiu “uma materialidade”, pois “possibilitou driblar os percalços decorrentes da distância física, permitindo

---

<sup>5</sup> Ao final da edição do Residência Pedagógica (2020-2022) cada estudante (bolsista ou voluntária(o)) produziu um relato de experiência a partir da sua participação no projeto. Esses relatos foram encaminhados à Coordenação do Projeto como uma narrativa a partir da experiência de cada um(a). O trecho destacado é parte do relato elaborado pelo estudante Gabriel Filareto.

estabelecer contato, veicular arte e fazer proposições no campo da Arte/Educação”<sup>6</sup>.

A proposta de Arte Correio e Amigo Secreto ocorreu em meados de 2021 e envolveu estudantes, professoras e equipe de coordenação. Como orientação, a arte deveria ser produzida por cada participante, considerando a pessoa a quem seria enviada. Por meio de sorteio realizado de modo online, soubemos a quem precisávamos enviar nossa arte postal (que precisava seguir com uma carta para a pessoa). A espera pelas cartas-arte provocou ansiedade. Na data estabelecida, apenas duas pessoas não haviam recebido, mas seguimos o cronograma e, durante um encontro, abrimos nossas cartas-arte. Desenhos, pinturas, músicas especialmente criadas como presente para cada participante. Colagens, bordado! Trabalhos muito diferentes, mas em comum: foram produzidos especialmente pensando em alguém, e essa característica precisa aqui ser realçada, como forma de realçar também o ser humano que cria, presenteia, recebe, e os modos como essas trocas potencializam o espaço da formação como uma espécie de rede de afetos, de saberes coletivos.

Em um trabalho coletivo como o que percebemos no projeto aqui abordado, somos surpreendidas(os) com situações que algumas vezes escapam do planejado e seguem rumos diferentes. Durante um encontro, falamos sobre a importância da coletividade na área de Arte/Educação, as lutas historicamente empreendidas, e o papel da Federação de Arte/Educadores do Brasil (FAEB) na congregação de ações de professoras(es) e pesquisadoras(es) responsáveis por uma significativa produção de conhecimento referente a temas da Educação Básica, do Ensino Superior e da Pós- Graduação.

Em “O que nasce na fronteira entre: o meu desejo/aquilo que eu (não) deveria SER?”, as residentes Aiê Antônio, Geovana Troffini, Lara Júlia, Lara Teixeira A. Dias, Naíla Rodrigues Souza, Natalia Yukie, Tayná Maria (Pretay) e Thais Carvalho Ferreira discutem, a partir das conversas sobre a FAEB, certo “corpo de individualidades que circundam e questionam o espaço do que é (e não é) dito como feminino no âmbito da

---

<sup>6</sup> Trecho extraído do “Relato de experiência sobre o Residência Pedagógica” (2020-2022), de Gabriel Silas Filareto.

Arte/Educação”. Trata-se de um trabalho textual/visual coletivo no qual, “numa colagem caleidoscópica”, as artistas/estudantes/pesquisadoras em formação trabalham as “fronteiras como movimentos”<sup>7</sup>.

## # ENCONTROS E PRESENCAS

Encontro e presença: algo pelo que esperamos ansiosas(os) durante a realização do Programa Residência Pedagógica. Encontros com estudantes, com espaços escolares onde fosse possível realizar ações artístico/educativas, mas que, por motivo da pandemia, foram prorrogados muitas vezes, causando ansiedade e, muitas vezes, desânimo. Presenças de estudantes/artistas/residentes na sala de aula, de corpo inteiro.

Vivenciamos um projeto de Residência Pedagógica *indoor*, ou seja, “mais para dentro”. Somente nos últimos meses do projeto (com o anúncio da secretaria municipal sobre a volta presencial às aulas) foi possível pensar a realização de ações nas aulas de artes de cada uma das escolas participantes do projeto.

Em duplas (e seguindo a organização de reunir licenciandas[os] de artes visuais com estudantes de música e artes cênicas), as(os) estudantes elaboraram atividades que foram experimentadas primeiro com o grupo de residentes e, depois, nas escolas. As atividades, em sua maioria, foram desdobramentos das sequências pedagógicas e de outras ações experimentadas no coletivo, anteriormente.

Sobre trabalhar em duplas, afirma Natalia Yukie, foi possível perceber:

[...] que houve um tempo de amadurecimento de nossos desejos e expectativas também. Esse tempo que tivemos de conversar e nos conhecer fez com que, no dia da condução da atividade, tivesse uma cumplicidade e um tempo juntas que eu quase não consigo identificar em outras relações virtuais na minha vida. Foi a experiência mais próxima de poder conhecer e trocar com alguém durante toda a pandemia<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> O trabalho pode ser lido em: <https://faeb.com.br/wp-content/uploads/2021/06/BOLETIM-FAEB-JUNHO-2021-3-1.pdf>

<sup>8</sup> Trecho extraído do relato de experiência, sobre o Residência Pedagógica (2020-2022), de Natalia Yukie Yida.

Criar uma ação para ser desenvolvida de modo presencial, diz Natalia Yukie, em um momento “marcado por uma enorme quantidade de informações disponíveis por tantos meios e pela rapidez dos acontecimentos”, com a “consequente necessidade de produzir mais numa menor quantidade de tempo”, poderia ser algo problemático e passível de problematização. Contudo, orientada a pensar a ação não como “um caminho fechado e duro, mas sim como percurso que foi fluindo a cada questão trazida, cada devolutiva, refletindo o quanto tínhamos nos apropriado daquilo que estávamos propondo”, a proposta se mostrou como uma possibilidade de “transformar nossos espaços de confinamento em ambientes de criação, de acolhimento de si”<sup>9</sup>.

Ancestralidade, musicalização na sala de aula, teatro no contexto do virtual, jogos teatrais, artes visuais (arte postal, arte e cidade), arte, educação e estética, acessibilidade – eis alguns temas geradores de atividades presenciais, realizadas pelas(os) residentes. As propostas, como escreve Gabriel Filareto, não “podem ser encerradas definitivamente em si”. Cada tema é, em si, inspiração e mola propulsora de ideias outras que estão por vir. São ações artísticas e educativas pensadas coletivamente no âmbito de um programa de formação que, de acordo com Gabriel Filareto, pode ser pensado como “uma oportunidade de fundar as bases necessárias para exercer a função de professor de artes, é uma via de transformação humana, que exige se colocar em relação”<sup>10</sup> às nossas próprias formações, nossas histórias de vida, nossos desejos para continuar construindo, de forma crítica e coletiva (e, por isso, política), modos de ensinar e aprender artes, deixando de ser “ilhas” para formar “arquipélagos”.

## # O QUE FICA DO QUE ACABA?

Não temos conclusões, mas inquietações, ponderações e alguns sonhos comuns: “Será que é isto que acontece com o campo do ensino artístico, muitos sonhos e poucos minutos em sala de aula?” (Coutinho, 2021, p.

---

<sup>9</sup> Trecho extraído do relato de experiência, sobre o Residência Pedagógica (2020-2022), de Natalia Yukie Yida.

<sup>10</sup> Trecho extraído do relato de experiência, sobre o Residência Pedagógica (2020-2022), de Gabriel Filareto.

107). O Programa Residência Pedagógica projetou muitos desejos, muitos sonhos, e cada um dos três depoimentos que selecionamos a seguir aponta questões importantes sobre o projeto, mas também sobre futuros possíveis.

Acredito que o programa fortalece a ideia de que educação não se faz sozinha. Lembro de um livro da autora africana Sobofu Somé nascida em Daomé, onde ela relata como as crianças são criadas por toda aldeia e como todos os relacionamentos e relações com o mundo são pensados coletivamente. Acredito que todas as sequências didáticas produzidas em grupos, seminários, provocações, questionamentos que nasceram do coletivo e fluíram de maneira horizontal, foram as experiências mais marcantes e fortalecedoras no programa, nos deixando uma dica para o nosso futuro como profissionais: não se isole, esteja em rede, isso é cura e amplia horizontes e possibilidades. (Aline Ferreira S. Antonio, estudante da Licenciatura em Arte Teatro, 2022).

[...] pensando sobre o tema que você colocou como norte e acho mesmo que a maior riqueza do Residência Pedagógica para mim foi ter feito parte de um coletivo organizado para refletir sobre Arte/Educação. Sobre a minha participação no Residência Pedagógica, eu gostaria de ressaltar a importância de fazer parte de uma rede de professores de artes que estão pensando a arte na escola, suas problemáticas inseridas dentro de uma estrutura educacional que não está construída para facilitar nossa vida, aliás, pelo contrário. Quando eu era graduanda e participei do Pibid, eu pude sentir a importância dessa troca com pessoas que estavam ali experienciando questões parecidas. E pude sentir, também, a falta que faz essa troca quando comecei a dar aulas e já não tinha mais o apoio desse grupo. O Residência Pedagógica, para os graduandos, tem sua importância mais do que evidente, já que proporciona uma experiência mais próxima com a escola e os alunos e várias outras etapas da vida profissional como educador de artes. Mas, para mim, como professora de artes, o Residência Pedagógica voltou a ser esse grupo de troca de experiências e reflexões que eu considero também como formação. Trouxe uma riqueza muito grande durante as nossas reflexões em grupo, seja baseado nos textos propostos e discutidos, ou baseado na partilha de nossas experiências, fazer parte deste coletivo nesses últimos anos, anos pandêmicos foi, por um lado, um desafio, assim como tudo na educação foi (ainda mais que o normal) durante a pandemia, mas foi de extrema importância até

mesmo como rede de apoio. (Camila Conti, professora de Arte da rede municipal de São Paulo, 2022)

[a experiência se mostrou] desafiadora e instigante. Apesar dos percalços do distanciamento, pudemos experimentar novas formas de convivência e aprendizagem e discutir novos jeitos de propor e avaliar. [...] gostaria de dizer que a Residência Pedagógica é um projeto de extrema importância para que os nossos futuros professores cheguem às escolas mais preparados para enfrentar os desafios que terão que enfrentar como profissionais da educação. (Marilene Lopes de Araujo, professora de Arte da rede municipal de São Paulo, 2022).

## REFERÊNCIAS

COUTINHO, R. G. Histórias para mapear o ensino artístico que temos e vislumbrar o que queremos. In: PETERSON, S.; MIDORI, A; (ed.). *O ensino artístico que temos e o que queremos: posturas, histórias e experiências no Brasil e em Portugal*. Porto, Portugal: i2ADS, 2021. p.104-116.

ELLSWORTH, E. *Posiciones en la enseñanza: diferencia, pedagogía y el poder de la direccionalidad*. Madrid: AKAL, 2005.

FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

OLIVEIRA, I. S.; FELIPE, M. K. *Por uma educação em direitos humanos: um galo sozinho não tece uma manhã*. Trabalho Coletivo de Conclusão de Curso (Licenciatura em Arte- Teatro) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

